

Tempo III - 2010 a 2017 - Política e religião (In)Tolerância
Religiosa
**O ritual da procissão sacralizando o espaço: a paisagem
religiosa**

Zeny Rosendahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROSENDAHL, Z. O ritual da procissão sacralizando o espaço: a paisagem religiosa. In: *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 387-401. ISBN 978-85-7511-501-5. Available from: doi: [10.7476/9788575115015.0016](https://doi.org/10.7476/9788575115015.0016). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O RITUAL DA PROCISSÃO
SACRALIZANDO O ESPAÇO:
A PAISAGEM RELIGIOSA¹

*Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
E os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem pensando aqui na Terra
Esperando o que Jesus prometeu
E Jesus prometeu coisa melhor [...]*
(GILBERTO GIL, 1965)

A letra da música *A procissão*, de Gilberto Gil, músico baiano, retrata e nos fornece a noção da dimensão simbólica do poder do sagrado no espaço. A poesia representa o ponto de vista do artista ao ver a paisagem religiosa materializada no espaço.

Na análise geográfica, “a espacialidade é uma condição fundamental ao fenômeno da visibilidade” (Gomes, 2013, p. 36). As lições de Paulo Cesar da Costa Gomes sobre as condições gerais da visibilidade espacial podem

¹ Versão revisada e atualizada de parte apresentada originalmente no II Colóquio Literatura e Paisagem e II Colóquio Internacional Interdisciplinar Literatura, Viagens e Turismo no Brasil, na França e em Portugal (Rio de Janeiro, 2013).

ser reunidas em três principais elementos de análise: primeiro, “dependerão das leituras do sentido que emergem da associação entre o lugar e o evento”; segundo, “dependerão também da possibilidade da morfologia do espaço do espaço físico” onde se mostra e “que deve ser capaz de garantir uma convergência dos olhares e a desejada captura da atenção”; e o terceiro elemento de análise é “que este lugar deve garantir a presença de observadores sensíveis aos novos sentidos nascidos da associação entre o lugar e o evento que se apresenta” (Gomes, 2013, pp. 37-8).

Com base nos elementos de análise da visibilidade acima citados, e com a escolha do evento religioso *procissão*, daremos, neste capítulo, importância à dimensão devocional impressa na paisagem religiosa.

Na literatura brasileira, destacamos autores que descrevem o cortejo da procissão nas cidades, especialmente nas cidades mineiras, destacando o desfile religioso e seus participantes. A dinâmica do estudo geográfico está em analisar o local escolhido, como também o lugar em que ocorre o desfile, quem participa da procissão e quem aprecia o caminhar dela.

Ao pensar literatura e paisagem para esse encontro e a sua relação entre a geografia e a religião, temática que me interessa e a que venho me dedicando há algum tempo, resolvi seguir nesta reflexão. Escolher uma narrativa em que a paisagem religiosa estivesse presente foi o primeiro passo metodológico. O desafio estava bem visível no ver e sentir o religioso em *Memórias de um sargento de milícias*,

de Manuel Antônio de Almeida (1996), bem descrito em seu capítulo XVII, intitulado “D. Maria”.

Neste capítulo, vamos priorizar a paisagem religiosa com seus limites e suas relações com a sociedade da época do livro *Memórias de um sargento de milícias* (1996). Será uma reflexão geográfica da visibilidade do sagrado, em suas diferentes formas espaciais, que são marcas da religiosidade do grupo social que as constrói no espaço e tempo sagrado.

O romance representará o exemplo empírico de nossa análise, ou seja, abordaremos a paisagem religiosa criada durante a procissão em *Memórias de um sargento de milícias*. Manuel Antônio de Almeida (1996, p. 39) fala:

“Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época que viveram as personagens desta história a coisa subia do ponto.”

A procissão é um ato de culto externo em que se manifestam com mais exuberância o sentimento religioso e a devoção popular; ela se destaca como o momento mais importante de uma festa religiosa na cidade ou durante uma romaria ao santuário visitado. As solenes procissões são práticas devocionais católicas impostas, ao longo do período colonial, como estratégia de conversão pelo clero,

cujos membros eram considerados agentes oficiais da religião e auxiliares da Coroa na preservação da fé entre o povo. A procissão representa a passagem da Eucaristia pelas ruas da cidade. Essa solene celebração litúrgica do *Corpus Christi* destinava-se a exteriorizar os sentimentos religiosos de louvor, súplica, penitência ou agradecimento, de modo a realçar a pompa das solenidades em torno do sagrado.

A promoção da festa sagrada vem sendo, ao longo dos séculos, vinculada à Igreja Matriz. A paróquia fornece a função religiosa e valoriza a cidade ou o lugar do evento. A procissão foi e é um exercício da devoção que une sacerdotes e população num ritual que melhor concretiza o simbolismo de comunhão religiosa, cultural e social no espaço. O autor, no texto destacado, ao falar de *lufa-lufa* e de agitação no dia da procissão, refere-se ao cenário que acompanha a devoção. O comércio, a dança e a feira livre coexistem, até hoje, no espaço profano diretamente vinculado ao sagrado (Rosendahl, 1996, 2012). Manuel Antônio de Almeida continua sua narrativa:

Enchiam-se as ruas de povo, especialmente mulheres de mantilhas, armavam-se as casas, penduravam-se às janelas magníficas colchas de seda, de damasco de todas as cores, armavam-se coretos em quase todos os cantos. É quase tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito

maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda, era tanto do tom enfeitar as janelas e portas em dias de procissão ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer à cabeça um formidável trepa-moleque de dois palmos de altura (1996, p. 39).

Na paisagem religiosa da procissão, não era somente o desfile, a rua por onde passava, as calçadas, as casas com suas janelas abertas com toalhas brancas dependuradas, como véus limpos e engomados, mostrando a beleza, o gesto refinado de seus moradores. A dimensão econômica e social do habitar, do morar da elite, na maioria das vezes uma maneira de compor e harmonizar o cenário do ritual da procissão, fornecendo uma unidade visual à paisagem. A escolha do itinerário é e era fundamental ao sucesso da procissão. As ruas escolhidas tinham algum tipo de poder social e/ou político e retratavam esse poder na paisagem.

A paisagem religiosa que a procissão impõe pode ser compreendida, em primeiro lugar, por sua relação com a sociedade ou com o grupo social que a produziu; em segundo, na ação dos que observam a procissão – em alguns casos, são os que

não têm a “roupa da missa”, como foi descrito, e nem foram selecionados para o desfile. Aqui temos aqueles que só querem conferir o evento. Ambos têm sua posição e sua função na paisagem. O conceito de paisagem, neste texto, privilegiará a análise na perspectiva cultural, com ênfase nas características materiais e imateriais da cultura. Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos sociais criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem. A simbologia da paisagem é analisada por meio de obras de literatura, pintura, música e cinema, sendo considerada a sua representação a partir do olhar de variados grupos sociais.

Como ocorre nas festas religiosas, a procissão imprime marcas da cultura local: os costumes alimentares, o baile, as vestimentas, os cantos, a hierarquia das alas no cortejo e as músicas identitárias do lugar são práticas religiosas que compõem o evento. Nesse sentido, esclarece-se que o fantástico da manifestação cultural herdada pela colonização portuguesa foi de ter transmitido as crenças e costumes religiosos pela propaganda da fé e o grupo religioso ter permitido que se preservasse o singular do lugar. Manuel Antônio de Almeida, continuando, relata:

Alguns haviam tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez, andavam de casa deste para a casa daquele, desta rua para aquela, até conseguir

vê-la desfilando de princípio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supomos nós, além talvez de outras, o levar esta procissão era uma coisa que não tinha nenhuma das outras: o leitor há de achá-la sem dúvida extravagante e ridícula, outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referi-la. Queremos falar de um grande rancho chamado das – Baianas – que caminha adiante da procissão, atraindo mais ou menos como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande número de negras vestidas à moda da província da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dançavam nos intervalos dos Deo-Gracias uma dança lá a seu capricho (1996, p. 39).

A paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, indicando uma relação entre os seres humanos e seu ambiente (Cosgrove, 2012). A compreensão das expressões impressas por uma cultura em sua paisagem é necessária ao decodificar a linguagem simbólica e os seus significados. Comungamos com as ideias da geografia cultural pós-1980 ao afirmar que todas as

paisagens são simbólicas, por menos aparentes que possam ser.

No estudo da paisagem religiosa, consideramos a narrativa do texto fundamental para fazermos uma leitura a partir de várias dimensões de análise, oferecendo ao leitor a possibilidade de leituras diferentes e igualmente variadas do simbolismo impregnado na paisagem da procissão. Vamos destacar os estudos do geógrafo Augustin Berque (1998 [1984]). Para esse autor, é de fundamental importância nas ciências humanas e sociais o estudo da paisagem do ponto de vista cultural. A paisagem é *marca*, pois é reflexo do comportamento de um determinado grupo social, mas é também uma *matriz*, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação; ou seja, é meio e condição de reprodução da cultura na paisagem.

Insistimos no ver e sentir a procissão como *marca e matriz* das procissões portuguesas. O posicionamento dos integrantes da comunidade, dos visitantes no evento, dos fiéis e dos devotos na procissão é, ainda hoje, repetido no mundo católico, notadamente no catolicismo popular brasileiro (Rosendahl, 2012).

Ao analisar as procissões portuguesas, Barroso (2004) elaborou um esquema hierárquico dos membros que delas participam e reforçam a ideia da fé aglutinada em diferentes funções e em alas. O quadro a seguir reflete essas alas.

QUADRO 1 – ALAS DE PROCISSÃO

| | | | | | | | | |
|-------------------------|---|-------------------|------------|----------|-------------------------|------------------------------------|------|-------------------|
| Fanfaras dos Escudeiros | Estandartes das Confrarias e Irmandades | Cruz Processional | Figurantes | Ando-res | Confrarias e Irmandades | Clero com o Santíssimo sob o pálio | Féis | Banda filarmônica |
|-------------------------|---|-------------------|------------|----------|-------------------------|------------------------------------|------|-------------------|

Fonte: Rosendahl, 2012, baseada em Barroso, 2004.

Reconhecem-se a *dimensão política do sagrado* na hierarquia dos participantes e organizadores desses eventos populares; a *dimensão econômica do sagrado* nos recursos econômicos que sustentam a realização do evento e no capital de retorno adquirido durante a festa; e, por fim, a *dimensão do lugar*, que deve ser analisada a partir das características sugeridas na tipologia dos centros religiosos, segundo a localização, a frequência e a escala de atuação (Rosendahl, 1994a, 1994b). A dimensão do lugar pode traduzir-se no ponto de convergência de moradores da localidade, bem como de outros lugares, que se deslocam para reviver e renovar a prática religiosa, saber notícias e participar da sociabilidade dos participantes, estabelecer relações comerciais, extravasar de maneira lúdica as tensões acumuladas durante o trabalho cotidiano.

Na narrativa de Manuel Antônio de Almeida (1996), ao se referir à ala das baianas, localizadas na frente da procissão em posição ordenada, o autor oferece certa preocupação com a descrição do grupo social. As marcas da cultura no desfile dessas representantes da província da Bahia estão na prática da dança e da vestimenta dos componentes da ala na procissão. Manuel Antônio de Almeida nos diz:

As chamadas Baianas não usavam vestido: traziam somente umas poucas de saias presas à cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas elas ornadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e mangas

eram também ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de ouro ou um colar de corais, os mais pobres eram de miçangas; ornavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de trunfas, formado por um grande lenço branco muito teso e engomado; calçavam umas chinelinhas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pano preto, deixando de fora os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras. [...] Para falarmos a verdade, a coisa era curiosa. (1996, p. 39)

Sem dúvida, a característica mais marcante destacada pelo autor foi a narrativa deslumbrante da extravagância da ala das baianas, pois, para o viver religioso daquela época, era essa pompa e o esplendor que possuíam enorme valor. O vestiário, não se pode negar, também pertencia à moda, ao status social, à arte e à paisagem. Faz parte da própria finalidade das roupas que a pompa e o esplendor prevaleçam sobre a beleza. A vaidade pessoal puxa a arte da moda para a esfera da sensualidade, do desejo do participante de ser visto e apreciado.

As festividades promovidas pela Igreja na época do Brasil Colônia tinham esse estilo

graças à própria liturgia. A dignidade sagrada e a nobre solidez da cerimônia não são destruídas pelo transbordamento dos detalhes festivos do grupo social. A Igreja Católica Apostólica Romana teve função social e política, além de religiosa, no Brasil. As solenidades religiosas valorizavam o arraial e o povoado. Paralelamente, acentuava-se o catolicismo mais pessoal trazido pelos colonos portugueses: o da devoção.

A Igreja Matriz era o território para a ação de conversão, e a festa completava a função. O padre à frente com o turíbulo prepara o caminho, qualifica o lugar do cotidiano, das práticas do profano em um lugar sacralizado pela procissão ao passar. A folia é parte integrante da procissão. A devoção é prática de intimidade com o extraordinário.

A paisagem retrata a procissão como um cortejo religioso público, com elementos do clero e do povo disposto, de forma ordenada em alas que desfilam por um trajeto predeterminado: ruas, praças, avenidas, retornando para a igreja de que partiu ou encaminhando-se para outra que está à espera da chegada da procissão. Os visitantes e os observadores têm seu lugar fora das alas que compõem a procissão. Eles estão nas laterais, ocupando uma possível moldura da paisagem religiosa, atentos à passagem do cortejo.

Os preparativos para a solenidade da passagem da Eucaristia iniciam-se bem antes da saída da procissão pelas ruas da cidade. Estudos demonstram que, além dos preparativos na paróquia, existe a seletividade es-

pacial na construção do itinerário simbólico do cortejo.

No Brasil, destacam-se as procissões nas cidades mineiras. Os fiéis adornam o itinerário confeccionando tapetes feitos com pétalas de flores, areia ou pó de serragem colorido, utilizado para “bordar” no asfalto a passarela do sagrado. Desde a madrugada se aguarda a saída da procissão da Igreja Matriz no tempo sagrado – tempo de festa do padroeiro. A procissão com a presença da Eucaristia sacraliza o espaço no momento de sua passagem. É comum observar, ainda hoje, janelas com toalhas brancas colocadas nos peitoris e sacadas abertas no momento da procissão, em veneração ao sagrado que entrará nas residências no momento do desfile.

Podemos afirmar que, ao longo do período colonial, a ação eclesial para a implantação da fé e da cultura lusitana, esteve vinculada ao catolicismo e ocorria em território selecionado para maior sucesso de seus objetivos missionários (Rosendahl, 2012).

Ao construir a paisagem religiosa tendo como base o conto XVII de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (1996, p. 45), podemos concluir com a cantiga tocada pelos músicos e cantada pelo povo:

*O Divino Espírito Santo
É um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. de. *Memórias de um sargento de milícias*. 25 ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROSO, P. *Romarias de Guimarães: patrimônio simbólico, religioso e popular*. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho, 2004.
- BERQUE, A. “Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 84-92.
- COSGROVE, D. “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, v. 1, pp. 219-37.
- GOMES, P. C. C. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GIL, G. *A procissão*. Disponível em: <<https://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/04/procisso.html>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense* (tese). Universidade de São Paulo, 1994a.
- . “Le pouvoir du sacré sur l’espace. Essai d’analyse à partir de deux petits centres brésiliens de pèlerinage: Muquém et Santa Cruz dos Milagres”. In *Miteinander, Nebeneinander, Gegeneinander, Manfred Büttner (Hrsg)*, v. 10. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 1994b.

- . *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
 - . “História teoria e método em geografia da religião”. *Espaço e Cultura*, n. 31, pp. 24-39, jan.-jun. 2012.
 - . “O ritual da procissão sacralizando o espaço: a paisagem religiosa”. In II Colóquio Literatura e Paisagem e II Colóquio Internacional Interdisciplinar Literatura, Viagens e Turismo no Brasil, na França e em Portugal, Rio de Janeiro, 2013.
- ROUVILLOIS, M. “Diffusion d’un ordre religieux nouveau”. In BERTRAND, J.-R. e MULLER, C. (orgs.). *Religions et territoires*. Paris: L’Harmattan, 1999. 304 p.
- TORRES LUNA, M. e DURAN VILLA, F. “Transformations des territoires: le diocèse de Mondoñedo-El Ferrol (Galice)”. In BERTRAND, J.-R. e MULLER, C. (orgs.). *Religions et territoires*. Paris: L’Harmattan, 1999, pp. 207-17.